

3 figurativos em gravura no MAB

Os três artistas aqui apresentados têm trajetórias e produções bem distintas entre si. O fio que os une é, além da figuração, a técnica empregada: todas as obras expostas são gravuras. Além disso, fazem todas parte do acervo do MAB, o Museu de Arte de Brasília, criado em 1985 com a coleção formada pela Secretaria da Cultura nas décadas anteriores. Fechado desde 2007, à espera de reformas, o Museu Nacional da República tem atualmente a guarda da coleção.

Abrimos com Tarsila do Amaral [1886-1973], um dos principais nomes da arte brasileira. Tarsila, em verdade, pouco produziu, mas sua obra surgiu no momento certo, no bojo do cultuado modernismo paulista. Ela é a autora do Abaporu – o antropófago, ou “o homem que come gente” – uma das mais conhecidas imagens de nossa arte. Tarsila fez também desenhos singelos e raríssimas gravuras. Boa parte das gravuras existentes de Tarsila, de fato, foram desenhos transpostos por terceiros para chapas de metal, como forma de atender a uma demanda do mercado.

Temos em seguida Maciej Babinski [1931], conhecido por suas gravuras em metal, como as que aqui estão expostas. Babinski migrou ainda criança da Polônia para a Inglaterra e em seguida para o Canadá, onde teve sua formação artística primeira. Em 1953 muda-se para o Brasil, em definitivo, permanecendo no Rio até 1965, travando contato com Goeldi, Darel e Augusto Rodrigues, de onde sairia para tornar-se professor na recém fundada Universidade de Brasília. Nos próximos anos viveria entre Minas, São Paulo, Ceará e o Distrito Federal. Sua obra gira em torno de figuras humanas e paisagens; as gravuras quase sempre de pequeno formato, monocromáticas.

Por fim, é apresentada uma bela coleção de Roberto de Lamônica [1933-1995], que desde novo se destacou como um dos grandes nomes da gravura brasileira. Ele teve seus primeiros estudos com Poty, Darel e Renina, estudando depois com Orlando da Silva e e participando do famoso curso de Friedlaender no Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro. Se entre suas primeiras gravuras é possível encontrar algo figurativo, ele se afirmou por suas obras abstratas em metal. A abstração, no entanto, acabou cedendo espaço novamente ao figurativo, que no final dos anos 60 já predomina em sua obra. Nessa última guinada sentimos a forte influência do pop americano, que conversa com a Nova Figuração brasileira. Se de início os contrastes possíveis entre branco e negro tomaram conta de sua obra gráfica, a cor logo se faria proeminente, vibrante. Senhor de técnica apurada, de Lamônica utilizou recortes, costuras e colagens de uma forma única na gravura brasileira.

Estamos de alguma forma mais acostumados a ver a obra de Babinski e os trabalhos de Tarsila fazem parte da educação de qualquer estudante, por meio de reproduções e textos. Os trabalhos de Roberto de Lamônica, por outro lado, são desconhecidos não apenas do grande público, mas muitas vezes também do público especializado. Assim, essa não é apenas uma oportunidade de rever os traços de Tarsila em gravura e as preciosas miniaturas de Babinski, mas principalmente de conhecer a obra de Delamônica.

Oto Dias Becker Reifschneider